A inserção de Jaboti na rede urbana do norte do Paraná

Pedro Henrique Carnevalli Fernandes

pedrofernandes@uenp.edu.br

Patrícia Aparecida Rodrigues

patricia.contatos@outlook.com

Resumo

A compreensão da rede urbana é fundamental para entender as relações socioeconômicas no espaço geográfico. A área de influência das cidades, responsável pela centralidade desempenhada na rede urbana, leva à hierarquia dos centros urbanos. A partir disso, este artigo buscou compreender a inserção de Jaboti na rede urbana do Norte do Estado do Paraná, buscando analisar os papéis desempenhados na rede. Os procedimentos metodológicos utilizados foram levantamento de artigos, livros, documentos, teses e dissertações acerca da colonização do Norte do Paraná e da rede urbana; levantamento de dados secundários do município de Jaboti; realização de trabalho de campo na pequena cidade de Jaboti, com aplicação de questionários na população local; e, por fim, elaboração de material cartográfico e da redação final do artigo. O município de Jaboti possui menos de cinco mil habitantes e é polarizado por uma pequena cidade que corresponde a um Centro Local na rede urbana do Norte do Paraná. Na contemporaneidade, Jaboti tenta ampliar sua centralidade na rede urbana a partir da especialização produtiva do morango.

* * *

PALAVRAS-CHAVE: pequena cidade, colonização, especialização produtiva, centro Local.

Introdução

O estudo da rede urbana a partir da compreensão da funcionalidade dos centros urbanos é necessário na Ciência Geográfica. A análise conjunta das relações históricas, sociais, políticas, econômicas e das centralidades de comércio e de serviços permite entender a hierarquia dos centros e os papéis desempenhados pelos núcleos urbanos na rede.

Especificamente na rede urbana, é comum observar – e encontrar – diversas produções acadêmicas e científicas destacando as redes urbanas a partir da centralidade das metrópoles e das cidades médias. No entanto, o viés da rede urbana a partir das pequenas cidades ainda é incipiente na academia e, muitas vezes, negligenciado, justamente por conta da baixa centralidade que, geralmente, desempenham.

Nesse sentido, este artigo pretende colocar luz na inserção de pequenas cidades na rede urbana, destacando, sobretudo, os papéis exercidos por elas. Além disso, é preciso ampliar os estudos acerca das pequenas cidades na Geografia, já que são espaços predominantes na realidade espacial e na diversidade urbana brasileira.

Igualmente, este artigo problematiza os processos ocorridos na formação socioespacial de uma região relevante do Sul brasileiro, o Norte do Estado do Paraná, sobretudo, quanto à produção cafeeira que deu origem à estrutura urbana da região. Mas, que, depois, com o fim desse ciclo econômico, vivenciou um intenso declínio demográfico, fazendo com que os núcleos urbanos passassem a buscar novos posicionamentos na rede urbana regional de modo a atenuar – ou até reverter – esse fenômeno do declínio demográfico.

A partir do contexto apresentado, o principal objetivo deste artigo é compreender a inserção de Jaboti na rede urbana do Norte do Estado do Paraná, buscando analisar os papéis desempenhados na rede. Os objetivos específicos são: (i) entender o contexto histórico de Jaboti e da região Norte do Estado do Paraná; (ii) apresentar alguns indicadores sociais e demográficos para compreensão do contexto atual de Jaboti; e (iii) identificar o papel desempenhado pelo núcleo urbano de Jaboti na atual rede urbana do Norte paranaense.

Os procedimentos metodológicos utilizados neste artigo foram: (i) levantamento bibliográfico em artigos, livros, teses e dissertações para a composição do referencial teórico; (ii) levantamento de dados do município por meio do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) e do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Ipardes); (iii) realização de

trabalho de campo na pequena cidade de Jaboti, com a aplicação de questionário e a realização de registros fotográficos; e, por fim, (iv) elaboração de produtos cartográficos e da redação final do artigo.

O artigo é alicerçado teoricamente nos seguintes autores: Claudio Roberto Bragueto, Milton Santos, Nice Muller, Roberto Lobato Corrêa, Tânia Fresca e Angela Maria Endlich. Quanto ao método da pesquisa, utilizou-se a análise quanti-qualitativa acerca dos resultados. Para a definição da quantidade de respondentes para a aplicação do questionário na população local, este artigo seguiu os procedimentos estabelecidos por Fernandes (2017). Assim, foram aplicados questionários em cinquenta moradores de Jaboti respeitando a proporcionalidade da pirâmide etária do município para o ano de 2010.

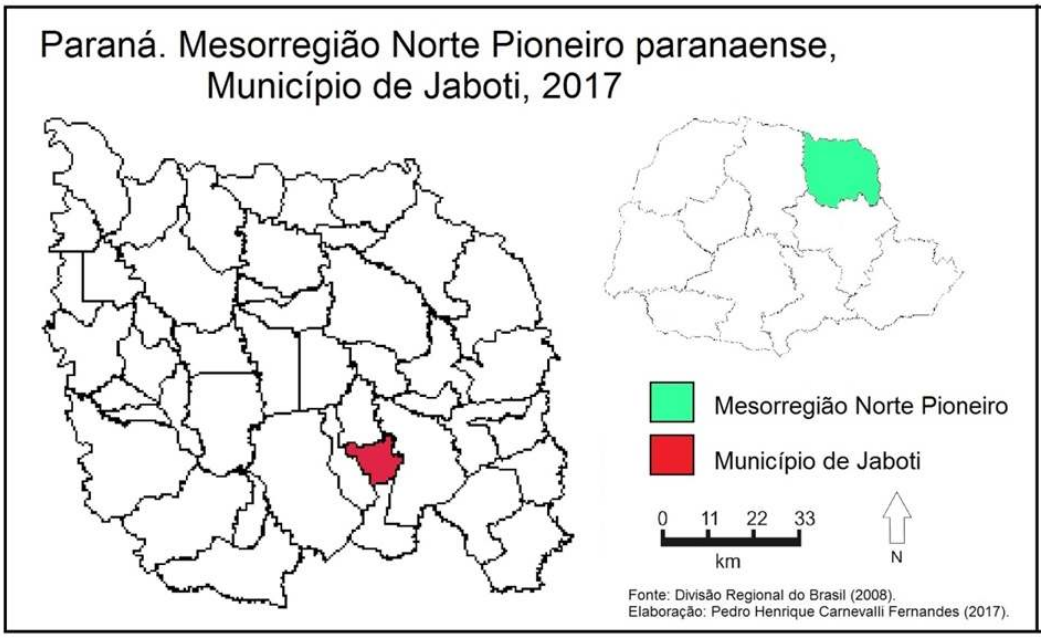
No trabalho de campo, realizado em agosto de 2017, foi aplicado um questionário com questões abertas e fechadas. O questionário possuía três blocos de questões: (i) quanto ao perfil do morador, perguntando (a) idade, (b) gênero, (c) local de nascimento e (d) local de trabalho; (ii) quanto à relação com o município, questionando (a) o que o respondente mais gosta e o que menos gosta na localidade e (b) se conhece pessoas ou parentes que se mudaram para Jaboti e/ou que se mudaram de Jaboti; (iii) quanto à relação de inserção na rede urbana: perguntando (a) se o respondente observou, nos últimos anos, um aumento ou um declínio demográfico, o surgimento de novos bairros na cidade e o crescimento de população na área rural; (b) o local de consumo dos produtos essenciais (apenas na localidade ou se desloca para outras cidades), e (c) como avalia os comércios e os serviços de Jaboti, a possibilidade de geração de emprego na localidade e o cenário dos próximos anos quanto ao aumento ou a diminuição da população.

O motivo da escolha do município de Jaboti para a pesquisa justifica-se pelo fato de observar em Fernandes (2017) que o município passou, nos últimos anos, por um aumentado na sua população absoluta, enquanto a maioria dos municípios do Norte Pioneiro do Paraná continuou enfrentando um processo de declínio demográfico. O município de Jaboti está localizado no Norte do Estado do Paraná, especificamente na Mesorregião do Norte Pioneiro paranaense – Figura 1. O município pertence à Microrregião de Ibaiti e possui, segundo o IBGE (2010), 4.902 pessoas e área espacial de 139,210 quilômetros quadrados.

O artigo está estruturando em três partes: a primeira, aborda a colonização do Norte do Paraná e o contexto histórico de formação do município de Jaboti – nessa parte, a redação contempla processos, fatos, períodos e, sobretudo, agentes que levaram à colonização do Norte Pioneiro e do município estudado; a segunda parte apresenta o debate teórico acerca da inserção de Jaboti na rede urbana do

Norte do Paraná, passando por diversos momentos históricos; e, por fim, a terceira parte demonstra a contemporaneidade de Jaboti, especialmente por meio da análise dos questionários aplicados na localidade e da publicação da Região de Influência das Cidades (Regic) 2018, publicado em 2020 pelo IBGE.

Figura 1. Paraná. Mesorregião Norte Pioneiro paranaense. Município de Jaboti, 2017.



Fonte: Adaptado de IBGE (2008).

A colonização do Norte do Paraná e o contexto histórico de Jaboti (PR)

O entendimento do papel atual de Jaboti na rede urbana passa, inicialmente, pela compreensão da colonização do Norte do Paraná e do seu próprio processo histórico. Por isso, essa parte do artigo contextualiza o Norte do Paraná pela perspectiva histórica, sobretudo no contexto cafeeiro, que foi fundamental para a emancipação da maioria dos municípios da região.

A história oficial do povoamento do Norte do Paraná teve início no século XVII com a chegada dos jesuítas, que tinham por objetivo propagar a fé e civilizar a sociedade indígena (MULLER, 2007). Entretanto, é importante ressaltar que anterior à chegada desses jesuítas existiam aldeias indígenas, excluindo a ideia de um espaço vazio e descoberto pelos colonizadores. No fim do século XVII, com o ataque dos bandeirantes, os indígenas e os jesuítas foram retirados e expulsos para a margem direita do rio Paraná (MULLER, 2007).

A segunda tentativa de colonização do Norte do Paraná ocorreu na primeira metade do século XIX com a fundação da Colônia Militar de Jataí, um posto militar de proteção e de ligação do Paraná com a Província do Matto Grosso (MULLER,

2007). Já na segunda metade daquele século, aconteceu o povoamento por meio das correntezas do rio Itararé, quando fazendeiros paulistas, atraídos pela qualidade dos solos da região, ocuparam as terras gerando, assim, os primeiros núcleos urbanos (MULLER, 2007).

Nesse contexto, a primeira frente de expansão ocorreu na região atualmente chamada de Norte Pioneiro do Paraná, que se localiza a leste do Rio Tibagi, em meio aos limites paulistas do rio Itararé, e tem o seu início de povoamento a partir de 1840 (BRAGUETO, 2007). Essa região, ocupada de maneira vagarosa em decorrência dos problemas de transporte, foi caracterizada (até o século XX) pela agricultura do autoconsumo (BRAGUETO, 2007). Com a construção dos trilhos da ferrovia, a colonização se ampliou e surgiram os primeiros municípios, como Jacarezinho, em 1900, e Cambará, em 1904 (BRAGUETO, 2007).

A inexistência e deficiência de transportes no Norte Pioneiro do Paraná para o escoamento do café influenciou no aumento do preço da produção, limitando a expansão cafeeira até 1920 – naquele momento, os cafezais ocupavam apenas 5,7% da área (BRAGUETO, 2007).

> Os problemas de meio de transporte e de alocação das safras só viria mesmo a ser solucionado, para grande parte do Norte do Paraná, depois da segunda metade da década de 20, com o capital inglês dando prosseguimento à ferrovia São Paulo- Paraná, estacionada em Cambará. A partir de então, os custos do frete não podem mais ser colocados como impedimento à exploração cafeeira comercial. Desde então, a distância entre as áreas do Norte do Paraná, que vão sendo ocupadas paulatinamente, e os mercados se reduziu acentuadamente (BRAGUETO, 2007, p. 158).

A “Companhia de Terras Norte do Paraná” exerceu um papel de destaque na colonização do Norte do Paraná. A companhia, ao levar os trilhos de ferro para o “sertão”, fez com que as terras fossem mais valorizadas pelos colonos, tendo em vista que em meio às terras virgens foram levantadas cidades (PAULA, 2007). A companhia, considerada a maior da América do Sul, realizava propagandas eficientes que atraíam pessoas de Minas Gerais e de São Paulo, sendo que em muitas vezes ela pagava a passagem para o proprietário (PAULA, 2007).

Assim, com o objetivo de valorizar a terras, a companhia comprou a maior parte das ações da Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná e avançou os trilhos de Cambará até Londrina e Apucarana (BRAGUETO, 2007). A “ideia central era de instalar, entre várias cidades pequenas, distanciadas mais ou menos 15 quilômetros uma da outra, um centro de atração econômica” (BRAGUETO, 2007, p. 170), de forma a organizar espacialmente as demandas comerciais e de serviços. Nesse sentido, a companhia projetou para serem esses centros de atração econômica as

cidades de Londrina, Maringá, Cianorte e Umuarama. Bernardes (2007) afirma que as ações da companhia foram cuidadosamente articuladas com antecedência, antes mesmo da derrubada das matas. As cidades, assim como sua disposição, já eram planejadas, sabendo, portanto, cada estrutura, área urbana e área rural, abastecimento, lotes, cursos d'água etc. (BERNARDES, 2007).

O Governo do Estado do Paraná também atuou nesses empreendimentos, especialmente pelas terras devolutas. Assim, em 1928, 70% dos títulos de propriedades concedidas em todo o Estado do Paraná ocorreram no Norte do Estado (BRAGUETO, 2007). Dando um caráter capitalista, como característica do Norte Central do Paraná, Bragueto (2007) discorre sobre a colonização por meio da "Companhia de Melhoramentos Norte do Paraná", criada a partir da compra da Companhia de Terras Norte do Paraná por capital e empresários brasileiros.

Nesse sentido, Tomazi (1989) elenca alguns dos benefícios que a companhia possuiu mediante ao Estado: (i) o Estado, em 1931, proibiu o plantio do café, menos nas áreas da companhia; (ii) em 1939, um decreto do Governo Federal nacionalizando a Ferrovia São Paulo-Paraná não foi cumprido, demonstrando a proteção do Estado à companhia; (iii) a companhia comprou as terras com vantajosas condições de pagamento, considerando que, no segundo momento, ela também obteve altíssimos lucros; (iv) a cada quilômetro construído de ferrovia, a companhia conseguia 3.600 hectares de terras devolutas para serem vendidas em lotes (pequenos e médios) margeando ou não a ferrovia; (v) ao fundar núcleos urbanos, a companhia determinava todas as ações mesmo depois da emancipação municipal.

A Companhia de Terras Norte Paraná, com a gestão controlada por capitalistas paulistas, seguiu uma nova linha de atuação a partir da década de 1940: aumento do tamanho por glebas (BRAGUETO, 2007). Com a expansão, o café atinge o seu auge em 1960 no Norte do Paraná: utilizava 44% das terras da região (BRAGUETO, 2007). Depois, começou um avassalador declínio dessa fonte econômica e, por conseguinte, influenciou em questões sociais e demográficas. Segundo Fernandes (2012), as transformações não foram apenas no espaço físico do município, ou seja, as transformações, oriundas de mudanças no ciclo econômico, interferiram na condição de vida humana.

O contexto histórico de Jaboti se vincula ao cenário apresentado anteriormente. A história local começa com a fazenda Jaboticabal, que motivou o nome inicial do povoado (JABOTI, 2017). Porém, esse nome foi abandonado ao notarem que já existia uma cidade com essa dominação. No intuito de conservar o tradicional nome, foi decidido nominar o povoado de Jaboti (JABOTI, 2017). Em 1912, o povoado foi elevado à condição de distrito, pertencendo ao município de

Tomazina e, em 1928, foi elevado à categoria de município, com seu território desmembrado justamente de Tomazina (JABOTI, 2017).

Porém, em 1934 o município de Jaboti não atingiu o "quantum" previsto em lei e foi reintegrado ao município de Tomazina, sendo rebaixado à condição de distrito (JABOTI, 2017). Em 1951, o Distrito de Jaboti passou a integrar o município de Japira, que naquele momento conseguiu desmembrar-se de Tomazina (JABOTI, 2017). Em 1954, conseguiu, novamente, ser elevado à categoria de município, dessa vez sendo desmembrando do município de Japira (JABOTI, 2017).

No caso de Jaboti, a primeira consolidação municipal e o desenvolvimento econômico dela ocorreram por meio das atividades agrícolas, principalmente a cafeeira. Entretanto, fatores de diferentes escalas geraram transformações no campo, como a concentração fundiária e a mecanização da agricultura, prejudicando a economia local e, por conseguinte, influenciando no retorno de Jaboti à condição de distrito. No segundo processo de emancipação, o município ainda possuía uma economia voltada ao setor primário, mas com diversificação agrícola e não mais dependência econômica do café.

Nas décadas de 1970 e 1980, Jaboti enfrentou forte declínio demográfico. O município passou de 6.371 habitantes, em 1960, para 4.376 moradores em 1991 (IBGE, 2010). A partir da década de 1990, o município passou a ganhar população, saindo dos 4.376 habitantes, em 1991, para 4.902 moradores em 2010 (IBGE, 2010), ou seja, um aumento significativo de 12%. Segundo as estimativas do IBGE para 2020, o município tinha 5.303 habitantes, ou seja, um considerável crescimento de quase 10%. Como o município segue perdendo população rural, o ganho populacional é urbano e deixa o assunto mais relevante, pois pode influenciar na centralidade da localidade. Assim, para compreender esse fenômeno, a próxima parte transita pela rede urbana e a inserção de Jaboti na rede urbana do Norte do Paraná.

A rede urbana e a inserção de Jaboti na rede urbana do Norte do Paraná

Os estudos voltados à rede urbana foram introduzidos no Brasil na década de 1950 e se ampliaram significativamente desde então. Segundo Fresca (2000, p. 6), "de sua introdução até os dias atuais o tema passou por diversas fases de proliferação e/ou recrudescimento dos estudos e de alterações do ponto de vista teórico-metodológico". O surgimento da rede urbana, de acordo com Leão (2011), apresenta-se correlacionado à divisão territorial do trabalho, no qual os centros urbanos, caracterizados por atividades específicas, são produtos de diferenciação e, consequentemente, de hierarquia, expressando diferentes níveis de centralidades.

Corrêa (1989, p. 87), por sua vez, considera a rede urbana como "o conjunto funcionalmente articulado de centros, que se constitui na estrutura territorial onde se verifica a criação, apropriação e circulação do valor excedente". Assim, existem três condições para a existência da rede urbana, segundo Corrêa (1989): (i) a economia de mercado negociada por outra e que não é produzida localmente; (ii) a existência de pontos onde os negócios produzidos anteriormente acontecem, contudo, devem acontecer em um tempo determinado e não de modo contínuo, voltando-se às demais atividades, como produção industrial, serviços e comércios; e (iii) a relação existente entre os núcleos, existindo uma circulação para que as produções (exportadas e importadas) cheguem até o mercado consumidor.

Corrêa (1989) afirma que a rede urbana é formada por meio de centros funcionalmente estruturados e que ela reflete as transformações na sociedade (econômicas ou sociais). Para Corrêa (1997, p. 93), a rede é um produto social "[...] historicamente contextualizado, cujo papel crucial é o de, através de interações espaciais, articular toda a sociedade numa dada porção do espaço, garantindo a sua existência de produção". Assim, a rede é um instrumento de poder, pois promove a desigualdade no espaço e mantém-se limitada, sendo preciso à inserção nela.

Para Fresca (2007), no que se refere à condição para a divisão territorial do trabalho, a rede urbana estabelece pontos principais da vida de relações e de tráfegos, onde os diferentes fluxos são estabelecidos, em frequente ou desigual transformação das atividades, assim, como de centros. Nesse sentido, a rede urbana, enquanto condição da divisão territorial, só ocorre por meio de atividades terciárias e industriais que promovem a circulação, distribuição e consumo no espaço (CORRÊA, 1989). Portanto, para o autor, a rede urbana é desigual, considerando a concentração da rentabilidade do capital, assim como da heterogeneidade dos centros, alguns sendo dotados de poder, enquanto outros estão à margem do desenvolvimento.

A rede urbana tem o poder de integrar os centros, com seu conjunto de cidades que inclui transporte e informação e que envolvem inúmeras ligações de integração interna e externa, como, também, tem o poder de exteriorizar padrões de desigualdades de integração vinculadas aos processos sociais (FRESCA, 2000). As desigualdades remetem ao fato de novas interações serem estabelecidas na área de uma complexa divisão territorial do trabalho com inúmeras especializações funcionais de centros urbanos (FRESCA, 2000).

Para melhor entender a rede urbana, Santos (1985) afirma ser necessário levar em consideração a dimensão socioespacial da sociedade e algumas categorias

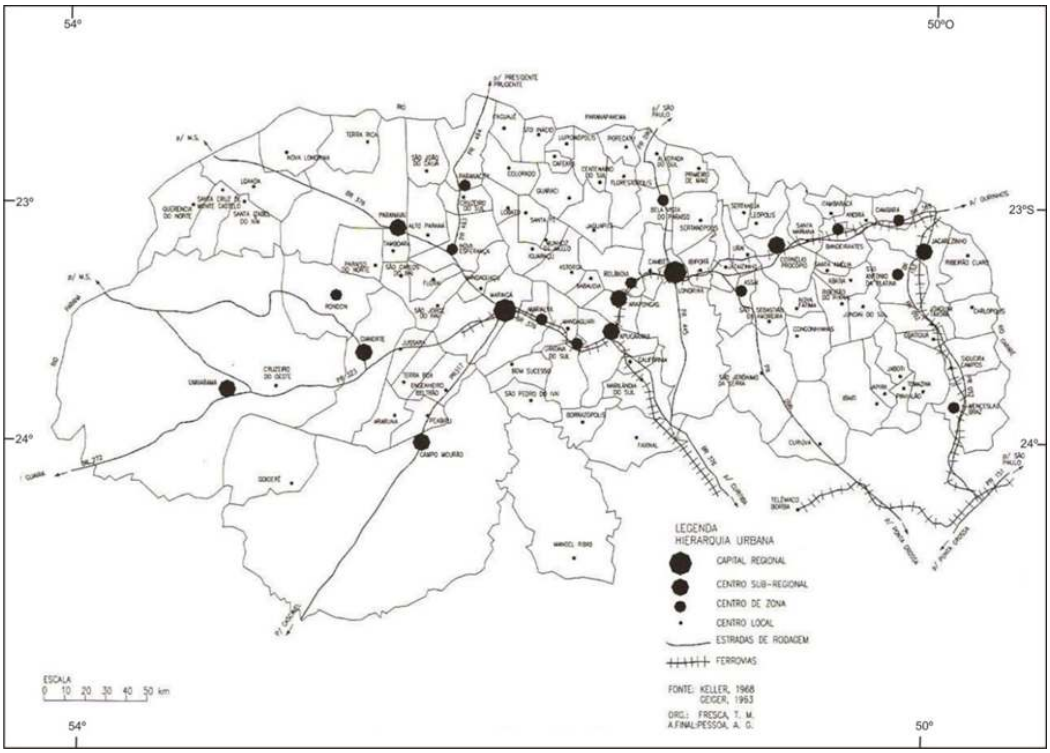
de análise (estrutura, processo, função e forma) em totalidade. Por isso, as pequenas cidades não estão desconectadas das relações em redes. Fresca (2010), ao mencionar as mudanças proporcionadas pelas redes nas pequenas cidades, destaca que elas suprem parte do mercado consumidor, ora pelos estabelecimentos físicos, ora pelo comércio virtual.

Santos (1979) destaca que muitas transformações atingem as pequenas cidades e as mudam frente ao processo de globalização. Assim, Santos (1979, p. 72), afirma que o fenômeno da cidade local está "ligado às transformações do modelo de consumo do mundo, sob o impacto da modernização tecnológica, da mesma forma que as metrópoles são resultados dos novos modelos de produção". Antes, as cidades eram consideradas cidades dos notáveis, hoje se transformaram em cidades econômicas – as cidades dos notáveis eram relacionadas com os notáveis, o padre, a professora, o tabelião, o promotor, o juiz, o telegrafista etc., que transfere o lugar à cidade econômica, marcada pelo veterinário, agrônomo, responsável pelos comércios especializados, piloto agrícola), no qual delineiam um espaço transformado (SANTOS, 1993).

Ao analisar a globalização e a reestrutura da rede urbana das pequenas cidades, Corrêa (1999, p. 48) aborda a "perda, relativa ou absoluta, de centralidade, acompanhada em muitos casos pelo desenvolvimento de novas funções não-centrais ligadas diretamente à produção do campo". Sendo assim, com a constante mudança na agricultura, os centros passaram a ofertar mão de obra temporária e a funcionar como local de moradia. Logo, os núcleos urbanos nessa condição, tendem a esvaziar-se, ocasionando a falta de inúmeros serviços essenciais ao desenvolvimento urbano e social.

No Norte do Estado do Paraná, Fresca (2004) apresenta a rede urbana, por níveis de hierarquia urbana, da região em 1960 – Figura 2. É possível perceber na figura os núcleos urbanos existentes naquele período a partir do nível de centralidades que exerciam na rede urbana regional. Igualmente, é possível perceber uma rede urbana unifica, ou seja, contemplando todo o Norte paranaense (atuais mesorregiões do Norte Pioneiro, Norte Central e Noroeste).

Figura 2. Norte do Paraná. Rede urbana por níveis de hierarquia urbana, 1960.



Fonte: Fresca (2004, p. 61).

Os níveis de centralidade eram: capital regional, centro sub-regional, centro de zona e centro local. É fundamental pontuar também que o mapa destacava estradas de rodagens e ferrovias, ou seja, as vias de articulação. Em 1960, os núcleos urbanos de Londrina e Maringá já eram considerados os mais influentes do Norte do Paraná – "capital regional". Jacarezinho, Cornélio Procópio, Arapongas, Apucarana, Paranavaí, Umuarama, Cianorte e Campo Mourão apareciam classificados como "centro sub-regional". Wenceslau Braz, Santo Antônio da Platina, Cambará, Andirá, Assaí, Bela Vista do Paraíso, Rolândia, Jandaia do Sul, Marialva, Paranacity, Nova Esperança e Rondon possuíam hierarquia urbana de "centro de zona". As demais cidades eram classificadas como "centro local".

É possível perceber que o núcleo urbano de Jaboti apresentava um nível de hierarquia classificado como "centro local", ou seja, com área de influência apenas na sua municipalidade. Naquele cenário, o município começava a enfrentar um declínio demográfico e, por conseguinte, da sua centralidade. Isso ocorreu até o final da década de 1980. Depois, o núcleo urbano começou ganhar população e tem tentado ganhar centralidade na rede urbana do Norte do Paraná.

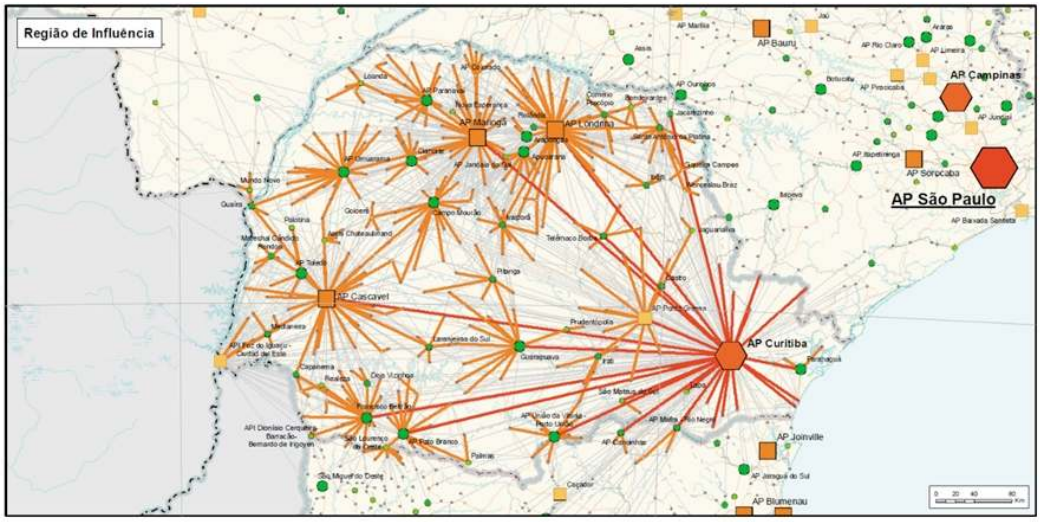
Em 2020, o IBGE publicou o Regic 2018 – versão mais atualizada do estudo, que começou em 1972. O objetivo principal do Regic 2018 foi identificar e analisar

a rede urbana brasileira, estabelecendo a hierarquia dos centros urbanos e as regiões de influência das cidades (IBGE, 2020). Para isso, o IBGE estabeleceu critérios para a qualificação das cidades e das relações entre elas. Os resultados revelaram eixos de integração no território e padrões diferenciados de distribuição de centralidades urbanas (IBGE, 2020).

No Regic 2018, as cidades brasileiras foram classificadas, hierarquicamente, a partir das funções de gestão que exercem sobre outras cidades, considerando os papéis de comando em atividades empresariais, de gestão pública e de atratividade para suprir bens e serviços para outras cidades (IBGE, 2020). Então, "o alcance desse comando e atratividade no território corresponde à delimitação de sua área de influência, ou seja, quais Cidades estão subordinadas a cada centralidade classificada" (IBGE, 2020, p. 9). É importante esclarecer que no Regic 2018, o IBGE tratou a unidade urbana como um "conjunto formado por Municípios e Arranjos Populacionais" (IBGE, 2020, p. 11). Em síntese, considerou como unidade urbana "municípios isolados" ou "arranjos populacionais" – que consistem em agrupamentos de dois ou mais municípios, ou seja, "trata-se de Municípios conurbados ou que possuem forte movimento pendular para estudo e trabalho, com tamanha integração que justifica considerá-los como um único nó da rede urbana" (IBGE, 2020, p. 11).

No Estado do Paraná, Curitiba apresenta-se com a maior hierarquia, classificada como "Metrópole" (IBGE, 2020), e maior área de influência – Figura 3. No Norte do Paraná, existem duas redes urbanas: a Região de Influência de Londrina (que compreende todo o Norte Pioneiro e parte do Norte Central) e a Região de Influência de Maringá (que compreende todo o Noroeste e parte do Norte Central). É importante destacar também a centralidade exercida por cidades como Umuarama, Cianorte e Paranavaí no Noroeste do Paraná e Apucarana e Arapongas no Norte Central.

Figura 3. Região de Influência de Curitiba (PR), 2018.



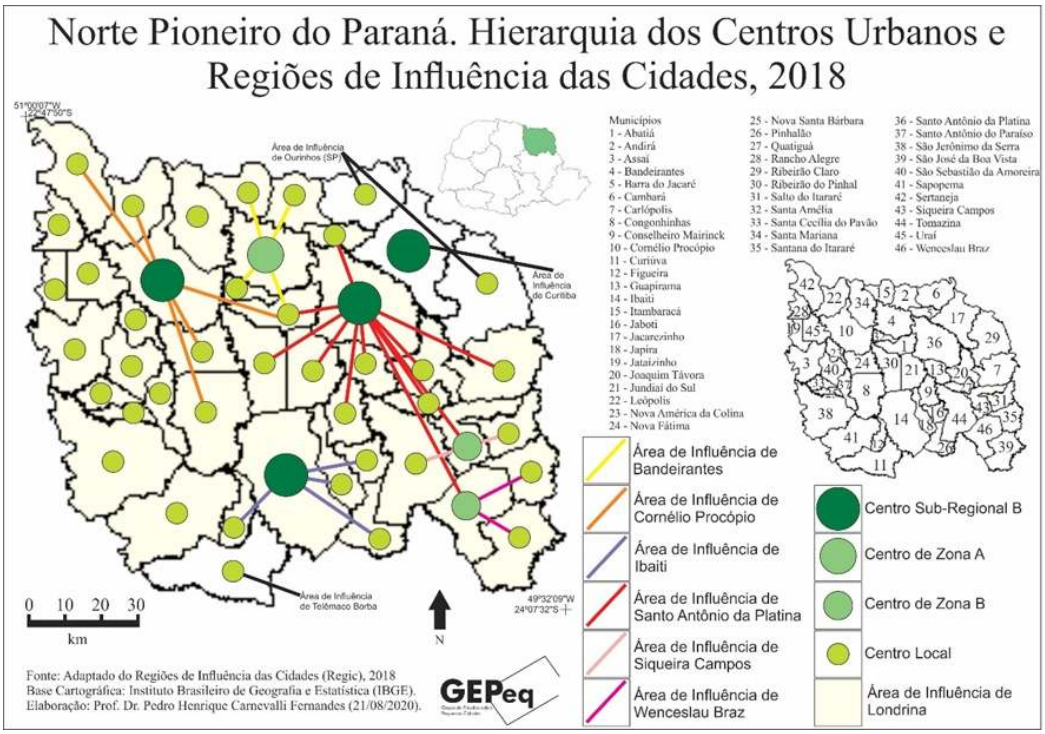
Fonte: IBGE (2020, p. 26).

Já no Norte Pioneiro, Fernandes (2020), constatou que se trata de uma região do Paraná que apresenta baixa centralidade e muita influência de Londrina. Segundo o autor, na região não existe nenhuma metrópole e nenhuma capital regional, sendo que o maior nível de hierarquia dos centros urbanos do Norte Pioneiro é o Centro Sub-Regional.

A Figura 4 apresenta a classificação hierárquica e as regiões de influência no Norte Pioneiro do Estado do Paraná, em 2018. Entre as 46 cidades da região, apenas sete (15%) apresentam grau de hierarquia que supera a municipalidade; juntas elas representam 40% da população regional (FERNANDES, 2020). As demais 39 cidades (ou 85% do total) aparecem classificadas como “centro local”, ou seja, com área de influência limitada à municipalidade (FERNANDES, 2020).

É importante destacar que 12 cidades do Norte Pioneiro são subordinadas diretamente à região de influência de Londrina e que Cornélio Procópio perdeu relevância na rede urbana entre 2007 e 2018 (FERNANDES, 2020). A região de influência de Londrina alcança (nos diferentes níveis) 42 cidades do Norte Pioneiro, sendo as exceções: Curiúva (região de influência de Telêmaco Borba), Jacarezinho (já se vinculada diretamente à região de influência de Curitiba) e Cambará e Ribeirão Claro (região de influência de Ourinhos/SP).

Figura 4. Norte Pioneiro do Paraná. Hierarquia dos Centros Urbanos e regiões de influência das cidades, 2018.



Fonte: Fernandes (2020)

Em 2018, Japira apresentou, segundo o IBGE (2020), hierarquia de "centro local". O Centro Local corresponde ao último nível hierárquico e é definido pelas cidades que exercem influência restrita aos seus próprios limites territoriais, podendo atrair alguma população moradora de outras cidades para temas específicos, mas não sendo destino principal de nenhuma outra cidade (IBGE, 2020). Essas cidades apresentam fraca centralidade em suas atividades empresariais e de gestão pública, geralmente possuindo outro centro urbanos de maior hierarquia como referência para as atividades cotidianas de compras e de serviços, de acesso às atividades do poder público e das dinâmicas empresariais (IBGE, 2020). Assim, Jaboti, com área de influência na municipalidade, é subordinada à área de influência de Ibaiti (Centro Sub-Regional B). É possível perceber que Ibaiti influencia, diretamente, sobre uma região composta por quatro municípios, incluindo Japira: Figueira, Jaboti e Pinhalão. A área de influência de Ibaiti, por sua vez, é subordinada a área de influência de Londrina.

O contexto atual de Jaboti de tentativa de ampliação da centralidade na rede urbana do Norte do Paraná

Esta parte do artigo apresenta o contexto atual de Jaboti a partir dos respondentes e a compreensão da tentativa de ampliação da sua centralidade na rede urbana do Norte do Paraná, ou seja, busca demonstrar a atual inserção de Jaboti na rede urbana do Norte do Paraná. É fundamental destacar que como uma pesquisa realizada em etapas e em constante transformação, a redação contempla uma parte das explicações e novos estudos precisam ocorrer para aprofundar o arcabouço explicativo sobre o fenômeno.

O trabalho de campo em Jaboti buscou entender a percepção da população local frente ao contexto local de inserção na rede urbana regional. Inicialmente, perguntou-se aos respondentes como eles percebem a questão demográfica no município. A esmagadora maioria dos respondentes, 80% do total, indicou que Jaboti passa por um aumento populacional, enquanto 20% citaram o declínio demográfico. Dialogando com esses dados, 82% dos respondentes afirmaram o surgimento de novos bairros na cidade de Jaboti, sendo que alguns mencionaram que a prefeitura, em parceria com a Companhia de Habitação do Paraná, entregou casas populares à nova população. Esses resultados revelam que a população local visualiza o fenômeno de aumento populacional na localidade mesmo em uma região com predomínio de cidades perdendo população.

Apesar dessa constatação, 50% dos respondentes conhecem pessoas que se mudaram para Jaboti (os outros 50% não conhecem pessoas que se mudaram para a cidade), o que permite abrir novas possibilidades de pesquisa quanto à sociabilidade e aos costumes e hábitos que esses novos moradores trazem para o contexto local. Em relação à saída de população, a maior parte dos respondentes (80%) afirma conhecer alguém que deixou Jaboti e se mudou para outra localidade, enquanto 20% dos respondentes não conhecem pessoas que se mudaram. Nesse caso, esses respondentes enfatizaram casos de pessoas que se mudaram em períodos passados, citando poucos exemplos contemporâneos.

Para entender a centralidade a partir do setor terciário, os respondentes foram questionados sobre o local em que realizam o consumo de produtos essenciais e sobre a percepção quanto ao crescimento do comércio e dos serviços em Jaboti. Os dados revelam que 86% consomem em Jaboti e 14% em cidades vizinhas. Os respondentes que não consomem no comércio e na rede de serviços da localidade informaram que preferem outros espaços devido ao preço alto das mercadorias em Jaboti e da pouca variedade de produtos. As cidades citadas pelos respondentes foram Pinhalão e Ibaiti. Esses dados são significativos na compreensão do papel urbano.

Na avaliação dos respondentes de Jaboti em relação à situação do comércio e dos serviços, 54% visualizaram uma ampliação na oferta deles nos últimos anos, 24% consideraram que eles reduziram e 22% pontuaram que estão estagnados. Segundo o Ipardes (2019), o número de estabelecimentos comerciais aumentou significativamente em Jaboti entre 2001 e 2017, coincidindo com o período de aumento demográfico. Em 2001, eram 14 estabelecimentos comerciais; em 2008, 29 unidades e, em 2017, 38 estabelecimentos – aumento de 171% em relação a 2001. Os serviços apresentam dados ainda mais expressivos de crescimento: em 2001, eram apenas oito estabelecimentos; em 2008, 11 unidades e, em 2017, 27 estabelecimentos – aumento de 237% em relação a 2001 (IPARDES, 2019).

Quanto à geração de empregos, a percepção dos respondentes de Jaboti é bastante negativa. A maioria dele, com 78%, admitiu que as possibilidades de emprego não surgiram nos últimos anos, os empregos se limitam à oferta sazonal e temporária da colheita de morangos. Segundo o Ipardes (2019), Jaboti gerou oficialmente, entre 2001 e 2017, 1.511 empregos, sendo os melhores resultados em 2005 (156 empregos) e em 2014 (132 empregos). Apesar disso, no mesmo período, foram 1.207 demissões, gerando um saldo de 304 empregos. Realmente, os dados revelam uma sazonalidade. Considerando apenas os três últimos anos de dados (2015, 2016 e 2017), o município enfrentou um saldo de vinte demissões (IPARDES, 2019).

Portanto, Jaboti enfrenta um problema socioeconômico, depois de quase 15 anos de crescimento na geração de emprego, de renda e de oportunidades. Ao mesmo tempo em que existe a preocupação dos respondentes com a geração de empregos, o recente histórico positivo, responsável, inclusive, por reverter um assustador histórico de perda demográfica, motiva os respondentes a acreditarem que Jaboti seguirá apresentando crescimento demográfico: 74% afirmam que Jaboti aumentará a sua população no próximo censo demográfico.

A principal explicação para essa percepção, inclusive superando a perspectiva de ampliação de comércio e de serviços, está na produção do morango, inclusive a cidade adotou o título de “Capital paranaense do morango” – a Figura 5 apresenta o portal turístico de entrada da cidade.

Figura 5. Jaboti (PR). Capital paranaense do morango.



Fonte: Arquivo pessoal (2017).

O município de Jaboti é responsável por produzir 4.600 toneladas de morango, sendo o maior produtor de morango do Paraná (JABOTI, 2017). Segundo dados oficiais da prefeitura, o morango emprega cerca de 25% da população de Jaboti, atingindo cerca de trezentas famílias que se dedicam à agricultura familiar (JABOTI, 2017). A partir disso, observa-se uma tentativa de criação e/ou desenvolvimento de um setor voltado para a produção de morango no município a partir de uma especialização produtiva. Isso tem aparecido, também, no setor secundário, sobretudo com pequenas indústrias (ou agroindústrias) que buscam beneficiar o morango e trabalhar com produtos que agregam valor, como geleias.

No âmbito dessas discussões acadêmicas, sabe-se que a produção industrial tem sido uma das possibilidades de inserção de pequenas cidades na rede urbana do Norte paranaense desde o início do século (FRESCA, 2009). Logo, o que tem ocorrido é uma crescente complexidade funcional dos centros urbanos traduzida por diferenciações entre as cidades, manifestada pela emergência de várias cidades especializadas em produções industriais (FRESCA, 2009).

Assim, núcleos de pequeno e fraco nível de centralidade, como Jaboti, por exemplo, têm tentado se reposicionar na rede urbana do Norte paranaense mediante participação na divisão territorial do trabalho. Em Jaboti, esse movimento tem ocorrido por meio da especialização da produção de morango, que deve ser pensado em cadeia produtiva, ou seja, desde o produto natural até uma produção industrial, agregando valor e, por conseguinte, renda. Igualmente, isso pode influenciar no aumento no número de habitantes e, por conseguinte, no de

estabelecimentos comerciais e de serviços, sobretudo no setor de transporte e comunicação e no setor de serviços de alojamento, alimentação, reparo, manutenção, radiodifusão e televisão – o alojamento e alimentação podem se vincular ao morango, por meio do turismo rural.

Apesar de não ter evoluído ao longo de décadas de emancipação política quanto à área de hierarquia, observa-se qualitativamente no trabalho empírico que houve um aumento na centralidade, ou seja, a cidade tem atraído pessoas, seja em busca de tranquilidade, seja a partir de empregos voltados para um setor especializado da economia. Isso não pode ser desconsiderado, pelo contrário, é fundamental mensurar e qualificar esses papéis a partir de um olhar mais detalhado sobre a produção de morango.

Considerações finais

O artigo buscou entender a inserção de Jaboti na rede urbana do Norte do Paraná a partir de um processo histórico, transitando pela colonização até a contemporaneidade. Jaboti é considerada uma pequena cidade classificada pelo IBGE (2020) como um centro local, na qual o município tem influência sobre a área da municipalidade.

Na Geografia Urbana, é preciso ampliar os estudos sobre as pequenas cidades. Neste artigo, particularmente, discorre-se sobre o papel de uma pequena cidade na rede urbana. Os resultados revelam que embora a sua área de influência não tenha se alterado desde a emancipação política, a centralidade de Jaboti se transformou após um ciclo intenso de declínio demográfico, com perda de praticamente um terço da população, e, depois disso, um ciclo de aumento populacional, que se mantém ocorrendo na contemporaneidade.

No trabalho empírico, foi possível perceber que os respondentes percebem esse movimento de ampliação populacional no núcleo urbano – constatou-se, inclusive, o surgimento de novos bairros na cidade. Porém, a localidade ainda tem dificuldade em conseguir gerar e manter empregos para a população. Nesse caso, é perceptível a influência dos grandes centros regionais no que se refere à questão de emprego. Já quanto ao consumo no comércio e nos serviços, a maior parte dos respondentes consomem em Jaboti. Além disso, uma nova quantidade de população chega na cidade, influenciando na centralidade local e, também, na sociabilidade, já que muitos respondentes não conhecem esses novos moradores.

Portanto, Jaboti, localizado na região Norte do Estado do Paraná, especificamente na região do Norte Pioneiro, ainda mantém raízes originárias da colonização, ou seja, vinculada ao solo fértil e propício para o cultivo agrícola. Com

predomínio da economia voltada para a agricultura, Jaboti se destaca na produção dos morangos e, conforme relatos dos respondentes, o município (gestão pública) e os habitantes (ações privadas) têm tentando investido mais nesse setor de modo a consolidá-lo e ampliá-lo. Esse processo, relativamente recente, vai apresentar desdobramentos nos próximos anos. A universidade, por meio da pesquisa e da extensão, pode contribuir com isso, ajudando a potencializar a centralidade de Jaboti na rede urbana.

Referências

BERNARDES, Nilo. *Expansão do povoamento no Estado do Paraná:* Importância da obra colonizadora da Companhia de Terras Norte do Paraná no rápido avanço da frente pioneira no norte do estado. In: FRESCA, Maria Tânia;

BRAGUETO, Claudio Roberto. O comportamento territorial do norte do Paraná como frente de expansão e frente pioneira. In: FRESCA, Maria Tania; CARVALHO, Márcia Siqueira de. (Organizadoras). *Geografia e Norte do Paraná:* um resgate histórico. Londrina. Edições Humanidades. 2007.

CARVALHO, Márcia Siqueira de. (Organizadoras). *Geografia e Norte do Paraná:* um resgate histórico. Londrina. Edições Humanidades, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato**.** *A rede urbana.* São Paulo: Ática, 1989.

___. *Trajetórias geográficas.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

___. Globalização e reestruturação da rede urbana – Uma nota sobre as pequenas cidades. *Território*, Rio de Janeiro, v.4 nº6, jan./jun. 1999. p.41-53.

___. Centros Locais e Pequenas cidades: distinções necessárias. In: *Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos.* Porto Alegre, 2010. Disponível em <www.agb.org.br.> acesso em 26/07/2017.

FERNANDES, Pedro Henrique Carnevalli. *Sociabilidade e sentimento de insegurança urbana em pequenas cidades:* o Norte do Paraná. 2012. 262 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá (PR), 2012.

___. *Um espectro ronda as pequenas cidades:* o aumento da violência e da insegurança objetiva. 2017. 525 p. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá (PR), 2017.

___. Hierarquia Urbana e Regiões de Influência no Norte Pioneiro do Estado do Paraná. *Jornal Geografia UENP,* edição 19, 2020.

FRESCA, Tania Maria. *Transformações da rede urbana do norte do Paraná: estudo comparativo de três centros.* São Paulo, 2000. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

___. A estruturação da rede urbana do Norte do Paraná. In: FRESCA (org.) *Geografia e Norte do Paraná:* um resgate histórico (v. 2). Londrina, Edições Humanidades, 2007. p.201-244.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *IBGE Cidades,* censo de 2010. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 212 set. 2017.

___. *Estimativas da população em 2020*. 2020. Disponível em: <https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2020/POP2020_20210204.pdf/>. Acesso em 01 mar. 2021.

___. *Regiões de Influência das Cidades – Regic 2018.* 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/redes-geograficas/15798-regioes-de-influencia-das-cidades> acesso em 19 ago. 2020.

IPARDES, Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. *Cadernos Estatísticos de Jaboti.* 2019. Disponível em: http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=86580&btOk=ok Acesso: 17/05/2019.

JABOTI, Prefeitura Municipal. *Jaboti.* Disponível em: <http://jaboti.pr.gov.br/> Acesso: 21/09/2017.

LEÃO, Carla de Souza. *A inserção de pequenas cidades na rede urbana: o caso das cidades na Região de Governo de Dracena.* 2011. 140 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2011.

MULLER, Nice Lecocq. Contribuição ao estudo do Norte do Paraná. In: FRESCA, Maria Tania; CARVALHO, Márcia Siqueira de. (organizadoras). *Geografia e Norte do Paraná:* um resgate histórico. Londrina. Edições Humanidades. 2007. 19-70.

PAULA, Euripedes Simões de. Cornélio Procópio: O homem e o povoamento. In: FRESCA, Maria Tânia; CARVALHO, Márcia Siqueira de. (Organizadoras). *Geografia e Norte do Paraná:* um resgate histórico (v.1). Londrina. Edições Humanidades. 2007 23-49.

SANTOS, Milton. *O espaço dividido:* os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

___. A urbanização brasileira. São Paulo: Hucitec, 1993SOUZA, C.E. Colheita de café. In: FRESCA, Maria Tânia; CARVALHO, Márcia Siqueira de; (Organizadoras). *Geografia e Norte do Paraná:* um resgate histórico (v.1). Londrina. Edições Humanidades. 2007 57-75.

___. *Espaço e sociedade: ensaios.* Petrópolis: Vozes, 1982.

___. *Espaço e método.* São Paulo: Nobel, 1985.

Sobre os autores

Pedro Henrique Carnevalli: Possui doutorado em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), é professor adjunto do Colegiado de Geografia da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) e coordena o Grupo de Estudos sobre Pequenas Cidades — GEPEq

Patrícia Aparecida Rodrigues: Possui graduação em Geografia.

* * *

ABSTRACT

Insertion of Jaboti in the urban network of the north of Paraná

The comprehension of the urban network is fundamental to understand the socioeconomic relations of them in the geographic space. The influence area of cities, responsible for the centrality played in the urban network, leads to the hierarchy of urban centers. From this, this paper sought to understand the insertion of Jaboti in the urban network of the North of the State of Paraná, seeking to analyze the roles played in the network. The methodological procedures used were survey of articles, books, documents, theses and dissertations of the Colonization of the North of Paraná and the urban network; data collection from the municipality of Jaboti; fieldwork in the small town of Jaboti, with application of questionnaires in the local population; and, finally, the preparation of cartographic material and the final writing of the research. The municipality of Jaboti has less than five thousand inhabitants and is polarized by a small town, corresponds to a Local Center in the urban network of northern Paraná. In the contemporary world, Jaboti tries to expand its centrality in the urban network based on the productive specialization of strawberries.

KEYWORDS: Small Town, Colonization, Productive Specialization, Local Center.

RESUMEN

La inserción de Jaboti en la red urbana en el norte de Paraná

La comprensión de la red urbana es fundamental para entender las relaciones socioeconómicas en el espacio geográfico. El área de influencia de las ciudades, responsable por la centralidad desempeñada en la red urbana, lleva a la jerarquía de los centros urbanos. A partir de esto, este artículo buscó comprender la inserción de Jaboti en la red urbana del Norte del Estado de Paraná, buscando analizar los roles que juega en la red. Los procedimientos metodológicos utilizados fueron: levantamiento de artículos, libros, documentos, tesis y disertaciones acerca de la colonización del Norte de Paraná y de la red urbana; el levantamiento de datos del municipio de Jaboti; realización de trabajo de campo en la pequeña ciudad de Jaboti, con aplicación de cuestionarios en la población local; y, finalmente, elaboración de material cartográfico y de la redacción final de la investigación. El municipio de Jaboti posee menos de cinco mil habitantes y es polarizado por una pequeña ciudad que corresponde a un Centro Local en la red urbana del Norte de Paraná. En el mundo contemporáneo, Jaboti intenta expandir su centralidad en el tejido urbano basado en la especialización productiva de la fresa.

PALABRAS CLAVE: Pequeña Ciudad, Colonización, Especialización Productiva, Centro Local.